



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JACKSON PEDRO DA SILVA

**DAS CINZAS AO ARCO-ÍRIS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
LGBTQIA+ NA SÉRIE HEARTSTOPPER (2022)**

**GUARABIRA - PB
2023**

JACKSON PEDRO DA SILVA

**DAS CINZAS AO ARCO-ÍRIS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
LGBTQIA+ NA SÉRIE HEARTSTOPPER (2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: História, Mídia e Literatura.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Alômia Abrantes da Silva.

**GUARABIRA - PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Jackson Pedro da.
Das cinzas ao arco-íris: [manuscrito] : uma análise sobre a representatividade LGBTQIA+ na série Heartstopper (2022) / Jackson Pedro da Silva. - 2023.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva, Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Representatividade LGBTQIA+. 2. Narrativa seriada. 3. História. I. Título

21. ed. CDD 398.2

JACKSON PEDRO DA SILVA

**DAS CINZAS AO ARCO-ÍRIS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
LGBTQIA+ NA SÉRIE HEARTSTOPPER (2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: História, Mídia e Literatura.

Aprovada em: 20 / 11 / 2023 _____.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos aqueles da comunidade LGBTQIA + que não tiveram a chance de se sentir representados, mas que não desistiram de lutar antes de nós, para que essa representatividade fosse possível, DEDICO.

“Visibilidade e representatividade são as únicas coisas que criam mudanças. Quando a gente é visível a gente tem o poder de criar empatia pelo jeito que contamos uma história”.

Billy Porter, 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, ou essa força/presença/energia que chamo de Deus, que ao longo desse trabalho deve ter me ouvido pedir ajuda tantas vezes.

A Carlos Adriano por ter inicialmente acreditado na minha proposta de tema para esse trabalho e pela disponibilidade de me orientar enquanto pôde.

À minha orientadora Alômia, por ter aceitado guiar esse trabalho aos últimos minutos do segundo tempo, sem você eu não teria finalizado.

Aos professores que foram fundamentais nesse percurso ao longo do curso e tive o prazer de ser aluno, em especial: Alômia Abrantes, Carlos Adriano, Dayane Sobreira, Durval Muniz, Luciana Calissi, Mariângela Vasconcelos, Manuela Aguiar, Susel Oliveira e Waldeci Chagas.

À Roseneide e Luiz Pedro, meus pais, por tanto amor, por serem ouvintes, por serem presentes.

A Jeferson e Luiz Carlos, meus dois irmãos, por me inspirarem todos os dias e me incentivarem, muitas vezes sem perceber que estavam fazendo isso.

À Valdenice, minha prima, pela forma de demonstrar carinho e ser o alívio cômico na minha vida quando eu preciso lembrar que também preciso sorrir.

A Luan e Tailson, meus amigos, pela força, apoio e cumplicidade, não só academicamente, mas na vida.

A Alexandre Araújo, por incentivar a escrever sobre esse trabalho, por acreditar na minha capacidade e me guiar ao longo desse processo.

Aos presentes em forma de amizade que a UEPB me proporcionou: Janekele Pereira, Josias Santos, Eduardo Azevedo, Matheus Macedo, Raylla Marques, José Jonas e em especial à Vânessa Ribeiro, por dividir tantos momentos comigo ao longo do curso, pelos abraços, conversas e o carinho que jamais esquecerei.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Tara e Darcy se beijando em uma festa.....	19
Figura 2 –	Charlie conversa com Nick sobre seus traumas.....	23
Figura 3 –	Nick demonstra apoio a Charlie.....	24
Figura 4 –	Nick se assume bissexual.....	27
Figura 5 –	Nick é acolhido por sua mãe após se assumir.....	27
Figura 6 –	Elle se torna amiga de Tara e Darcy.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	IDENTIDADE(S) E REPRESENTATIVIDADE(S) LGBTQIA+.....	12
3	A NARRATIVA SERIADA.....	14
3.1	A evolução da representatividade LGBTQIA+ em séries.....	16
4	PERSONAGENS LGBTQIA + EM HEARTSTOPPER	18
4.1	Tara e Darcy: Lésbicas e a possibilidade de amar.....	18
4.2	Charlie Spring: A homossexualidade além do humor.....	21
4.3	Nick Nelson: Bissexualidade e reconhecimento.....	24
4.4	Elle Argent: O transcender do lugar exótico.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32

DAS CINZAS AO ARCO-ÍRIS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LGBTQIA+ NA SÉRIE HEARTSTOPPER (2022)

Jackson Pedro da Silva¹

RESUMO

A representatividade da comunidade LGBTQIA+ no audiovisual é marcada por muitos empecilhos. Como exemplos, temos o rastreamento pela censura nas últimas décadas do século XX, a invisibilidade através de papéis secundários, o desenvolvimento precário de personagens e suas respectivas identidades sexuais, as padronizações de abordagens dentro das tramas que reforçam estereótipos. De fato, a tentativa de representar pessoas LGBTQIA+ no audiovisual é carregada de raízes problemáticas, no entanto, nos últimos anos esse foi um espaço que, com muita luta, possibilitou uma atenção maior a essas vozes que anseiam por representatividade. Nesse sentido, o presente trabalho visa analisar a forma como a série *Heartstopper* (2022) representa personagens gays, lésbicas, bissexuais e transexuais que estão presentes na série e como essa abordagem rompe com as padronizações narrativas existentes em outras produções televisivas, iremos analisar cinco personagens divididos em quatro tópicos. A partir de discussões sobre a importância da identidade e representatividade LGBTQIA+, analisamos os cinco personagens sendo um tópico para cada uma das letras da sigla (LGBT) com o foco em destacar o desenvolvimento desses personagens que demonstram um tratamento diferente relacionado a esse histórico problemático no audiovisual. Após a análise, vimos que *Heartstopper* consegue subverter abordagens tradicionalmente usadas quando se trata de personagens LGBTQIA+ na ficção, se aprofundando em enredos e questões pertinentes para a comunidade.

Palavras-Chave: Representatividade LGBTQIA+; narrativa seriada; História.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: Jacksonpedro750@gmail.com

ABSTRACT

The representation of the LGBTQIA+ community in audiovisual is marked by many obstacles. As examples, we have the tracking by censorship in the last decades of the 20th century, the invisibility through secondary roles, the precarious development of characters and their respective sexual identities, the standardization of approaches within the plots that reinforce stereotypes. In fact, the attempt to represent LGBTQIA+ people in audiovisual is fraught with problematic roots, however, in recent years this has been a space that, with a lot of struggle, has enabled greater attention to these voices that yearn for representation. In this sense, the present work aims to analyze the way in which the series Heartstopper (2022) represents gay, lesbian, bisexual and transsexual characters that are present in the series and how this approach breaks with the narrative standards existing in other television productions, we will analyze five characters divided into four topics. Based on discussions about the importance of LGBTQIA+ identity and representation, we analyzed the five characters being a topic for each of the letters of the acronym (LGBT) with the focus on highlighting the development of these characters who demonstrate a different treatment related to this problematic history in the audio-visual. After the analysis, we saw that Heartstopper manages to subvert approaches traditionally used when it comes to LGBTQIA+ characters in fiction, delving deeper into plots and issues pertinent to the community.

Keywords: representation LGBTQIA+. Serial narrative. History.

1 INTRODUÇÃO

É difícil escolher um assunto para pesquisar quando se passa quatro anos cursando o curso de História, inúmeras possibilidades foram apresentadas durante essa linda viagem para chegar até aqui. No entanto, não queria que esta pesquisa se desvinculasse completamente de mim, de quem eu sou e da minha vivência, pois não pesquisaria sobre um assunto sobre o qual não estivesse completamente envolvido. Cresci acompanhando a teledramaturgia brasileira, aliado a isso, uma inquietação que sempre permeou essa experiência até a adolescência, foi: onde estavam figuras com as quais eu pudesse me identificar, como pessoa LGBTQIA+? Bordões, caricaturas e piadas eram os principais elementos que compunham esses personagens, características estas eram colocadas em destaque e outras vivências eram deixadas de lado. Essa experiência mudou ao ter contato com as narrativas seriadas, principalmente as norte-americanas. Um novo mundo foi apresentado, e foi ali que pude me ver em tela pela primeira vez. Fiquei fascinado, não acreditei que havia um lugar em que histórias como as que eu vivi estavam sendo contadas para o mundo.

A arte de representar a si mesmo, ou ainda, tudo ao seu redor, acompanhou o ser humano durante toda sua trajetória na terra, desde pinturas rupestres, esculturas, artes visuais, escritas, tecnologias, etc. Dentre essas diversas formas de representação, há uma em específico que ganhou notoriedade na virada do século XX e XXI: a representatividade no audiovisual. O ato de representar imagens em movimento e contar histórias através delas ganhou cada vez mais importância na sociedade nos últimos anos, e também, a inclusão de minorias em produções midiáticas, além da qualidade dessa representação, seja em produções cinematográficas, animações, games ou séries televisivas. Tornou-se de grande importância o reconhecimento midiático para os mais diversos grupos, sendo o interesse desta pesquisa a comunidade LGBTQIA+.

Após anos consumindo produções que contavam com a presença de personagens LGBTQIA+, pude perceber certos padrões, muitas vezes problemáticos, relacionados a esse grupo que se repetiam dentro dessas produções. Ao acompanhar discussões em fóruns online, pude notar que não era algo percebido individualmente, comunidades de fãs já levantavam discussões a esse respeito. Dessa forma, antes do mundo acadêmico, já havia o interesse em entender como essas figuras são tratadas e retratadas no audiovisual. Sempre acompanhando novas produções LGBTQIA+ que são lançadas, em 2022 pude conhecer *Heartstopper*, e ao ser surpreendido em como a série aborda questões LGBTQIA+, originou-se o desejo em realizar esta pesquisa.

O presente artigo busca analisar a abordagem que a série audiovisual *Heartstopper* (2022)² apresenta sobre personagens LGBTQIA+. Compreendendo que exista uma representatividade *queer*³ em séries televisivas e outras narrativas audiovisuais, diversas problemáticas surgem na tentativa de representar esse grupo. Veremos como *Heartstopper* subverte esses padrões narrativos e oferece uma abordagem que rompe com a imagem reforçada por outras produções seriadas.

² Em tradução livre seria "de parar o coração". Levando em consideração sua narrativa, pode-se considerar que o nome remete aos sentimentos que surgem quando nos apaixonamos.

³ O termo foi usado ao longo do tempo de forma pejorativa com toda sua carga de deboche, posteriormente no final da década de 80 é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais na tentativa de ressignificá-lo, usando-o de forma natural e positiva, para tirar seu teor negativo. Atualmente, enquandram-se nele pessoas fora do conceito cis-heteronormativo (Louro, 2001).

Nesse sentido, para identificarmos as mudanças de abordagem observadas em *Heartstopper*, iremos entender como esses padrões narrativos estão presentes em outras produções seriadas através de desfechos trágicos, o desenvolvimento precário da sexualidade de personagens *queer* e os estereótipos que reforçam imagens sobre a comunidade LGBTQIA+.

Heartstopper é baseada nos quadrinhos e *webcomics* de mesmo título de Alice Oseman⁴, a primeira temporada da adaptação foi lançada em 22 de abril de 2022 e a segunda temporada em 03 de agosto de 2023, com oito episódios cada uma. A série, com uma classificação indicativa de 12 anos e possuindo o público jovem como foco, teve sua produção feita pela *See-Saw Films* e é distribuída pela plataforma de *streaming* Netflix⁵, contando com Alice Oseman como roteirista, e Euros Lyn e Naican Escobar sob a direção. A trama desenvolve o personagem Charlie, interpretado por Joe Locke, que é aluno da *Truham Boys School*, uma escola ficcional só para garotos, a trama gira em torno dos conflitos e dos primeiros amores característicos da adolescência, no caso do Charlie, com Nick (Kit Connor). Paralelamente, outros arcos narrativos além do casal protagonista se desenvolvem também na *Higg Girls School*, uma escola só para garotas, acompanhando Elle Argent (Yasmin Finney), uma garota trans, que tenta se adaptar após a transferência da *Truham Boys School*, e também apresenta o casal, Tara (Corinna Brown) e Darcy (Kizzy Edgell).

Quando se refere à representatividade LGBTQIA+ em séries televisivas, não se resume apenas à inclusão de um personagem como parte desse grupo. Sua trajetória, desenvolvimento e vivências dentro dessas narrativas são elementos de suma importância, para que se possa considerar como uma representatividade válida. Nesse sentido, *Heartstopper* traz abordagens tangíveis da adolescência e com a presença de personagens abertamente LGBTQIA+. Com isso, para o corpus desta pesquisa foram escolhidos o total de cinco personagens da série, a partir da observação destes se divide a análise em quatro tópicos, onde se observará a forma como questões relacionadas à sexualidade, afetividade e autoaceitação, foram desenvolvidos na trama, de uma forma que demonstra uma mudança em relação ao tratamento que personagens LGBTQIA+ foram submetidos no audiovisual. Dessa forma, durante a análise a pesquisa apontará para a forma que *Heartstopper* rompe com a abordagem de séries como: *Faking it* (2014-2016), *Will & Grace* (1998-2006), *The 100* (2014-2020), *Dawson's Creek* (1998-2003), *Sex and the city* (1998-2004), *Glee* (2009-2015) e *The L Word* (2004-2009). Utilizando personagens que se encaixam nesses padrões narrativos, para entendermos como esse grupo foi e está sendo tratado a partir de *Heartstopper*.

Na intenção de identificar como a série foge de tropos narrativos⁶ e como também não reproduz problemáticas representativas da comunidade, serão analisados os arcos da série que envolvem personagens de cada uma das letras da sigla que protagonizam a série; gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans. Antes da análise, após a contextualização na introdução, iremos entender noções de identidade e representação baseadas em Hall (2006) e Chartier (1991), em seguida abordará as raízes da narrativa seriada até chegar na forma televisionada através da

⁴ Alice Oseman é uma escritora, quadrinista e ilustradora de obras voltadas para o público jovem. É responsável pelos quadrinhos de *Heartstopper* e pela produção da série.

⁵ Netflix é uma plataforma online sob assinatura que produz e disponibiliza mundialmente um amplo catálogo de produções audiovisuais como séries, filmes e documentários.

⁶ Repetições utilizadas ao longo dos anos, através de personagens ou no próprio enredo.

perspectiva de Machado (2000) e Moura (2023), após isso veremos a evolução de personagens LGBTQIA+ e o espaço conquistado no audiovisual.

Assim, chegando ao quarto tópico da análise dos personagens de Heartstopper. Começando por Tara e Darcy que são desenvolvidas como um casal lésbico, sem a utilização de recursos trágicos, em seguida teremos Charlie Spring, protagonista da série, que quebra com padrões narrativos reforçados aos homossexuais no audiovisual; Nick Nelson e a sua trajetória de autodescoberta como bissexual; e, por fim, Elle Argent, que a trama não a resume apenas ao seu gênero, estes são temas constantes na série e com isso foram selecionados episódios que aprofundam essas questões; (S01E01), (S01E02), (S01E03), (S01E07), (S01E08), (S02E01), (S02E02), (S02E04), (S02E05), (S02E06), (S02E07), (S02E08). Portanto, espera-se que essa pesquisa possa estimular outros estudos dentro desse tema e, também, servir como base para esses futuros trabalhos.

2 IDENTIDADE(S) E REPRESENTATIVIDADE(S) LGBTQIA+

A comunidade LGBTQIA+ é formada por pessoas com interesses, culturas e lutas por direitos civis, a sigla é destinada a indivíduos que não se identificam com a norma cis heteronormativa⁷. Quando falamos em identidade, nos apoiamos em Hall (2006) que sinaliza para o sujeito pós-moderno não ter uma Identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é continuamente moldável de acordo com o contexto aos quais somos representados e apresentados nos sistemas culturais que nos rodeiam, ou seja, definido historicamente e não biologicamente. Na perspectiva do autor, indivíduos modernos não estão presos a uma identificação unificada desde o seu nascimento até a morte.

É no contexto vigente, rodeado pela diversidade de culturas globalizadas, que o ser humano pode perceber diferentes formas de identificação como uma forma de localização no sistema social. Bonoto (2021) complementa o pensamento de Hall (2006), inserindo indivíduos LGBTQIA+ nessa discussão. Segundo a autora, as diversas identidades convocam os indivíduos para assumir um lugar social como sujeitos. Nesse sentido, afirmar-se como LGBTQIA+ em um sistema concentrado em normas sexuais e de gênero, significa que as identidades são formas de se situar na sociedade (Bonoto, 2021).

Dessa forma, identidades possuem a força de se construir e reconstruírem, além de terem o poder de subverter as estruturas existentes. Bonoto (2021) também destaca que a identidade sexual é definida pelas diversas formas em como os indivíduos vivem sua sexualidade: "com parceiros/as do mesmo gênero, do gênero oposto, de ambos os gêneros, sem parceiros/as ou com parceiros/as que não se identificam com gêneros binários." (Bonoto, 2021, p.06) ela também ressalta que essas identidades são definidas pelos indivíduos de acordo com comportamentos e práticas afetivas-sexuais.

Nesse sentido, a identidade passa também a ser vista como um elo que une discursos e práticas que podem ser utilizados como mecanismo de inclusão, ou exclusão, como discorre Foucault (2015) sobre o dispositivo da sexualidade. O autor sinaliza para como a sociedade se organiza, a partir de uma ordenação replicada

⁷ A cis heteronormatividade é uma construção social imposta como forma de controle do desenvolvimento de corpos e identidades para serem apenas cisgênero e heterossexual.

como a única superior e aceitável. Dessa forma, indivíduos que se enquadram dentro da norma encontram-se no topo da posição de poder, enquanto pessoas da comunidade LGBTQIA+, passam pelo processo de exclusão à margem da sociedade. É, pois, como uma forma de resistência, que surge o movimento LGBTQIA+ em um contexto de violências, perseguições e mortes.

Podemos citar o levante ocorrido em *Stonewall* como um marco dentro da História do movimento LGBTQIA+. *Stonewall Inn*, era um bar frequentado por gays, lésbicas, travestis, drags e dentre outras pessoas em situações de vulnerabilidade social, pertencentes às camadas do "submundo", não sendo consideradas cidadãs. Era um momento em que novas perspectivas a respeito da sexualidade, corpo e desejo se fomentavam e foram de encontro aos valores tradicionais. Diversas violências acarretaram na manifestação, acerca delas Quinalha (2019) diz:

Os Estados Unidos contavam, em grande parte dos seus estados, com legislações discriminatórias e de criminalização das homossexualidades, tendo havido uma campanha de perseguição contra a população LGBT+ durante o macarthismo, que ficaria conhecida como Lavender Scare, na qual quase cinco mil homossexuais teriam sido cassados dos cargos públicos civis e militares entre 1947 e 1950. Isso despertou resistências importantes na aglutinação dessa identidade gay em busca de mudanças legais e maior aceitação. (QUINALHA, 2019)

A partir disso, conseguimos visualizar parte da repressão sofrida por pessoas LGBTQIA+ nos Estados Unidos na década de 1960. A revolta de *Stonewall* se dá a partir do momento em que esse grupo passa a ser abordado diariamente pela polícia local, não por estarem cometendo atos ilegais, mas por simplesmente existirem. Cansados da perseguição, os frequentadores do bar iniciaram um confronto com as autoridades em 28 de junho de 1969, data que ficou marcada como o "dia do orgulho gay" e, posteriormente, o mês do orgulho LGBTQIA+.

Retomando a Hall (2006), que define a formação da identidade do indivíduo moderno como fluída, através da incorporação de ideais e aspectos culturais compartilhados com outra pessoa ou grupo, podemos incluir as produções midiáticas ficcionais representativas nesse contexto, como um meio de compartilhamento. Shaw (2015) concorda e considera diversas noções de identidade através dos variados meios, seja em livros, filmes ou séries. A autora afirma que o processo de identificação faz parte também do desenvolvimento de uma identidade, se vendo através da perspectiva de algum personagem, vivência ou também se identificando pela mentalidade que aquele personagem assume em determinadas situações. Nesse sentido, torna-se justificável a luta por uma representatividade LGBTQIA+. Para Roger Chartier,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que os forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1991, p. 17)

O autor também destaca que representações não são neutras e tendem a impor uma concepção da realidade sobre os outros, com base nas concepções pelos que emitem determinado discurso durante o ato de representar algo ou alguém. Pensando na mídia, identificamos a emissão de uma ideologia dominante quando olhamos para um determinado momento em que a vivência LGBTQIA+ era limitada em narrativas ficcionais. Nesse contexto, a mídia se torna um dispositivo

que reforça imagens universais ao invés de contrariá-las nos meios de comunicação; a complexidade social de telespectadores, nesse caso, LGBTQIA+, são deixadas de lado e substituídas por caracterizações populares como um código que será facilmente reconhecido pelo público, como as clássicas abordagens do homem gay afeminado e a mulher lésbica masculinizada.

A representação concentrada apenas em simbologias populares é o oposto do que se entende como representatividade, relacionada a qualidade do que está sendo representado, precisamente desenvolvida de uma forma que se preocupa com a profundidade plural de vivências sociais. Conforme sugere Pitkin (1976) trazida por (Silva; Rocha, 2019) há quatro classificações de representação: a formalista, que foca na legitimidade processual em espaços políticos, sem se preocupar com os interesses dos representados; a descritiva, quando os representantes compartilham características, mas o conteúdo pode não ir ao encontro dos representados; a representação simbólica, que incorpora símbolos que evocam a ideia de pertencimento àquela identidade; e, por último, a substantiva, defendida pela autora como a forma ideal de representação por proporcionar um vínculo efetivo, no equilíbrio entre idéias representadas e a capacidade de atuação do representante, se tornando um pilar da representatividade e indo de encontro a invisibilização e outras adversidades reforçadas por representações nocivas.

Com o fortalecimento do movimento LGBTQIA+ em busca de visibilidade e a ocupação de novos espaços, antes inacessíveis, mudanças na forma de abordagem e representação desses indivíduos em narrativas audiovisuais também estão acontecendo, e conseqüentemente, novas perspectivas de representatividade. Shaw (2015) também sinaliza para a importância de uma representatividade plural de grupos minoritários, já que ao se ver nessas narrativas possibilita a validação da identidade LGBTQIA+, como também a validação social leva às representações, isso quando essas figuras não são resumidas apenas à representação descritiva ou simbólica.

3 A NARRATIVA SERIADA

A concepção de uma narrativa em forma seriada não foi uma propriedade formulada para a televisão. Essa forma de contar histórias constituídas por um conjunto de blocos, já existia nas formas epistolares da literatura, em narrativas míticas excessivamente longas, que passaram a utilizar a técnica do folhetim (Machado, 2000). Ao discorrer sobre esse assunto, Moura (2023) estabelece uma relação entre o folhetim impresso na França do século XIX e o folhetim seriado eletrônico:

Os elementos presentes nos folhetins impressos, como a fragmentação da leitura, a sedução da audiência e a identificação promovida no espectador, são os mesmos que perpetuam na produção de telenovelas e séries. As primeiras são ajustadas capítulo a capítulo, de acordo com o gosto do público; quanto às últimas, a produção de novas temporadas ajusta-se pela observação de pesquisas de mercado. O folhetim adapta-se aos veículos de comunicação. Temos a radionovela como folhetim sonoro, a telenovela como folhetim audiovisual, as séries da internet e as séries das plataformas de streaming como folhetim digital, mas todos mantêm a própria natureza. (Moura, 2023, p. 18)

A visão de ambos os autores sinaliza que essa forma de consumo não foi fabricada pela televisão, com a qual temos familiaridade, e sim de uma técnica adaptada desde o surgimento dos folhetins que foram para além das revistas ou jornais, mais tarde, para o setor cinematográfico, radiofônico e televisivo. Moura (2023) indica que a forma como essas histórias folhetinescas chegavam às pessoas eram a de narrativas que utilizavam procedimentos para conquistar a fidelidade do público, nesse sentido, as narrativas impressas nos rodapés das páginas dos jornais, tinham continuação em edições sucessoras, instigando o público a acompanhá-las, capítulo a capítulo, que terminava com algum acontecimento que impulsionasse a curiosidade do leitor a obter a edição seguinte.

Nesse âmbito, podemos destacar o cinema como o princípio da narrativa seriada no audiovisual. Como aponta Machado (2000, p. 86), "o seriado nasce no cinema por volta de 1913, como decorrência das mudanças que estavam acontecendo no mercado de filmes". Os filmes curtos eram exibidos de forma fragmentada nos *nickelodeons* (salas improvisadas que exibiam filmes curtos), com o surgimento de longa metragens e conseqüentemente de duração mais longa, eles poderiam ser exibidos em salões de cinema, as

Séries cinematográficas como *Fantomas* (1913), de Louis Feuillade, e *The Perils of Pauline* (1914), de Louis Gasnier, baseados no modelo dos folhetins jornalísticos, deram a forma básica do gênero. Tratava-se, como nos seriados da televisão, de filmes concebidos em escala industrial, rodados simultaneamente com a exibição das partes anteriores e capazes de absorver as circunstâncias da produção (Machado, 2000, p. 87)

A chegada do rádio também resultou em uma forma de expressão serializada. Mattos (2018) discorre a esse respeito:

Em 1930, foi ao ar a primeira radionovela, *Painted Dreams*, em que uma viúva e sua filha vivem diversas situações cotidianas. À época, a impossibilidade, como no cinema, de arquivamento e retomada de mensagens, acrescida da linguagem exclusivamente auditiva, agregou ao corte estratégico a necessidade de rememoração do corte anterior (antes das entregas) e de retomadas de conteúdo através de lembranças ou menções recapitulativas por parte dos personagens. (Mattos, 2018, p. 275)

Assim, nota-se que essa é uma característica incorporada também pelas narrativas seriadas televisivas: episódios completos ou divididos em blocos, fragmentados em cortes estratégicos. Em seu início também são acompanhados por recapitulações dos acontecimentos anteriores, como uma forma de situar o público naquela respectiva história, além de atrair novos olhares sem que necessariamente precise acompanhar desde o começo.

De acordo com Machado (2000) as narrativas seriadas televisivas podem ser divididas em três tipos. O primeiro é constituído por uma narrativa desenvolvida linearmente ao longo dos episódios em uma temporada, ou seja, a série é composta principalmente por um ou mais conflitos que se desdobram episodicamente de forma continuada que levam ao desfecho final possuindo ganchos narrativos para uma temporada seguinte. Podemos citar *Game of Thrones* (2011), *Breaking bad* (2006) ou *Stranger things* (2016) como séries que se enquadram nesse formato. Diferem-se das narrativas fechadas em si mesmas, as chamadas minisséries, com a trajetória e finalização definidas antes das gravações em uma única temporada como vemos em *Normal People* (2020), *Wandavision* (2021) e *The Queen's Gambit* (2020).

No segundo modelo, conhecido como séries procedurais, cada episódio segue uma história que pode ser independente, em que seu formato é utilizado repetidamente em todo episódio com um início, meio e fim que contribui para uma trama maior da temporada, modelo comumente usado em séries com mais 20 episódios. São exemplos: *Arrow* (2012), *Supernatural* (2015) e *Smallville* (2001). São séries normalmente lançadas semanalmente pensadas para a televisão, já os serviços de *streaming* em suas produções optam por tramas que se desenvolvam entre oito ou dez episódios, como é o caso de *Heartstopper* (2022), possuindo oito episódios em cada temporada, que podem ser disponibilizadas completamente ou também semanalmente de acordo com a opção da plataforma.

Denominados como antologias, o terceiro tipo de serialização se utiliza de uma temática, história ou ambientação, em cada episódio ou temporada independente. Essas narrativas exploram diferentes enredos, atores, personagens, cenários e até diretores e roteiristas, mas que estão conectadas a um conceito comum. Podemos apontar *Black Mirror* (2011), *American Horror Story* (2011) e *Modern Love* (2019) como séries antológicas. Machado (2000) ainda destaca que esses modelos podem se entrelaçar. Uma série televisiva enquanto produto da indústria, raramente se enquadram apenas em uma destas fórmulas, com isso as narrativas seriadas possuem a liberdade criativa de reunir diferentes elementos para desenvolver sua história.

3.1 A evolução da representatividade LGBTQIA+ em séries

Nos últimos anos a inserção de personagens LGBTQIA+ em séries televisivas ampliou-se progressivamente criando um espaço em que fosse possível cada vez mais personagens questionassem suas respectivas sexualidades e as normas de gênero, indo de encontro aos rótulos e identidades estáticas. Embora a representatividade LGBTQIA+ em narrativas seriadas tenha melhorado consideravelmente, em épocas que remontam às últimas décadas do século XX, a realidade de personagens queer dentro dessas narrativas era outra.

Pode-se destacar o Código Hays como um fator que influenciou diretamente na abordagem de personagens *queer* em produções seriadas, mesmo sendo pensado para o cinema. Elaborado em 1930 pelo presidente da Associação de Produtores e Distribuidores de Filmes da América, William H. Hays, os principais estúdios de *Hollywood* foram submetidos ao Código Hays, devido à pressão de associações conservadoras que as produções cinematográficas estavam influenciando o mal comportamento. As estipulações do código proibiam qualquer inferência aos filmes que contivessem beijos de língua, cenas de sexo, aborto, prostituição e "perversão sexual", ou seja, nos termos da década significava qualquer referência a homossexualidade em tela. Esse regulamento se estende até o final dos anos 1960 (Bridges, 2018).

Sob esse contexto, veremos a televisão incorporando aspectos semelhantes ao Código Hays. Nesse sentido, instaurado em 1951 até o começo da década de 1980, pela associação nacional de emissoras de televisão e rádio dos Estados Unidos, parte do código televisivo proibia qualquer forma de profanidade, obscenidade, dependência de anarcóticos, perversão sexual e "a homossexualidade, então, é apresentada em relação próxima a essas e outras atividades criminosas ou tabus morais" (Bridges, 2018, p. 127). A esse respeito, McLeod (2016) afirma também que a presença de personagens fora das normas

esperadas de gênero, era resumida a arcos narrativos trágicos em que eram apresentados como vilões, suicidas e assassinos e que além disso, como reflexo da censura, personagens passaram a ser codificados como *queer*, ou seja, que não eram abertamente homossexuais ou lésbicas, eram caracterizados através de subtextos e ações que indicavam a possível sexualidade.

Nos anos sucessores, em 1973, em meio a decisão da Associação Psiquiátrica Americana de excluir a homossexualidade de sua lista "oficial" de doenças mentais, houve movimentos pela busca de serem melhores representados na era pré-AIDS. Nesse processo, Larry Gross (1991) destaca que pessoas *queer* dificilmente eram mostradas na mídia sem que o foco fosse na sexualidade como um desvio da ordem moral que deveria ser combatido por meio do ridículo ou da violência. O autor também destaca a forma que pessoas da comunidade LGBTQIA+ foram tratadas pela mídia na década de 1980 com a epidemia de AIDS:

Em 1983, quase toda a atenção da mídia de massa para os gays estava no contexto de histórias relacionadas à AIDS e, como essa cobertura parece ter esgotado o interesse limitado da mídia pelos gays, as lésbicas se tornaram ainda menos visíveis do que antes (se possível). A AIDS revigorou os dois principais "papéis" da mídia de massa para os gays: vítima e vilão. (Gross, 1991, p. 31)

Sob esse contexto, durante a epidemia proliferaram estigmas de "câncer gay", "peste gay" ou "mal dos homossexuais" através da mídia em nível mundial. Os principais arcos narrativos desenvolvidos com personagens LGBTQIA+ se concentravam na agonia dos familiares ao descobrirem que filhos, maridos e irmãos eram gays ou soropositivos. A presença lésbica era mínima e masculinizada, personagens trans ainda apareciam episodicamente como o "caso da semana" em séries procedurais, através de tramas relacionadas apenas a redesignação sexual e bissexuais eram invisibilizados. Essas figuras estavam à margem da mídia de uma forma restrita em papéis secundários.

Até o final da década de 1990, personagens LGBTQIA+ ainda permaneciam em papéis coadjuvantes, isso muda em 1997 com a série *Ellen* (1994-1998)⁸. A *sitcom* que tinha uma personagem lésbica como protagonista, estrelada pela atriz e apresentadora Elle DeGeneres. A artista se assumiu lésbica em 1997 e esse também foi um elemento introduzido na quarta temporada do show em que a personagem Ellen Morgan também se revela lésbica em *The puppy episode* (S04E22)⁹, exibido em 30 de abril de 1997 (Dow, 2001). A revelação causou reações controversas ao público, entre ameaças, discursos de ódio, foram colocados anúncios de "conteúdo ofensivo" antes dos episódios e a perda de patrocínio, levaram ao cancelamento da série em sua quinta temporada em 1998.

Ainda na década de 1990, a inserção de personagens LGBTQIA+ estrelando narrativas seriadas não pararia em *Ellen*, mesmo com a repercussão negativa; 1998 marca o ano da estreia da *sitcom* aclamada *Will & Grace* (1998-2006;2017-2020)¹⁰, a primeira série a ter um homem gay como protagonista na televisão aberta

⁸ *Ellen* (série de TV 1994-1998, ABC). Disponível em: [Ellen \(Série de TV 1994–1998\) - IMDb](#). Acesso em: 23 set. 2023.

⁹ *The puppy episode* é dividido em duas partes, foi o vigésimo segundo (22) e terceiro (23) da quarta temporada, exibidos em 30 de abril de 1997. A trama do episódio aborda como Elle se entende como lésbica e assume sua sexualidade na série.

¹⁰ *Will & Grace* (série de TV, 1998-2020, NBC). Disponível em: [Will e Grace \(Série de TV 1998–2020\) - IMDb](#). Acesso em: 24 set. 2023.

americana. A trama da série foca em Will Truman (Eric McCormack), um advogado homossexual, juntamente com sua melhor amiga Grace Adler (Debra Messing), uma decoradora de interiores. A série foi um sucesso em audiência e acumulou 16 prêmios e 83 indicações, chegando ao fim em 2006 e ganhou um revival em 2017. Esse foi apenas o começo para que outras histórias estreladas por personagens LGBTQIA+ pudessem ser contadas, como: *Queer as Folk* (2000-2005), *The L World* (2004-2009), *Glee* (2009-2015), *Sense8* (2015-2018), *Orange is The New Black* (2013-2019), *The L World Generation Q* (2019-2022), *Sex Education* (2019-2023) e também *Pose* (2018-2021). Sobre esta última, *Pose*¹¹ é uma série emblemática e entrou para a história da televisão como a primeira série estrelada por pessoas trans, em especial atrizes trans negras, as quais possuem visibilidade limitada na mídia. A série também se destaca pela equipe de pessoas trans por trás das câmeras, na escrita, figurino, coreografia e outras etapas no processo criativo da série. A trama se concentra na vivência de pessoas transsexuais na década de 1980, época marcada pela ascensão dos bailes LGBTQIA+.

A representatividade LGBTQIA+ teve um progresso significativo desde as últimas décadas do século XX. De acordo com o GLAAD¹² (*Gay & Lesbian Alliance Against Defamation*) chega ao total de 596 personagens LGBTQIA+¹³ que estão no ar atualmente em papéis recorrentes e regulares na TV aberta, a cabo e os diversos serviços de streaming como: Apple TV+, Amazon Prime, Disney+, HBO Max, Hulu, Netflix, Paramount+ e Peacock. De fato a visibilidade LGBTQIA+ segue evoluindo no audiovisual, abordando identidades de forma pluralizada, mas ainda há um longo caminho para que estereótipos, tropos narrativos e abordagens problemáticas sejam superadas. Assim, veremos no próximo tópico como *Heartstopper* (2022) desafia diversas abordagens tradicionais relacionadas a personagens LGBTQIA+ em narrativas seriadas.

4 PERSONAGENS LGBTQIA+ EM HEARTSTOPPER

A premissa central da série *Heartstopper* aborda o romance adolescente entre os personagens Charlie Spring e Nick Nelson, o primeiro se identifica como gay e teve sua sexualidade exposta para toda escola no ano anterior e sofre com o *bullying* constante, o segundo acompanhamos o seu processo de autodescoberta como bissexual. A diversidade de personagens LGBTQIA+ em *Heartstopper* é bem presente ao longo da série e vai para além do casal central, vemos o desenvolvimento do casal lésbico Tara e Darcy e, além delas, Elle Argent, uma garota trans. Esse capítulo analisará a abordagem que *Heartstopper* utiliza para desenvolvê-los e como o enredo subverte tramas tradicionais, tropos narrativos e estereótipos.

4.1 Tara e Darcy: Lésbicas e a possibilidade de amar

¹¹ *Pose* (série de TV, 2018-2021, Fox). Disponível em: [Pose \(Série de TV 2018–2021\) - IMDb](https://www.imdb.com/title/tt8074164/). Acesso em: 24 set. 2023.

¹² Uma organização não-governamental que trabalha para promover a representação justa e precisa de pessoas LGBTQ+ na mídia.

¹³ *Where We Are on TV Report 2022-2023*. Disponível em: <https://glaad.org/whereweareontv22/>. Acesso em: 23 set. 2023.

Tara e Darcy são apresentadas no episódio 2 da primeira temporada *Crush* (S01E02), inicialmente são ditas como amigas, o arco narrativo do casal aborda a aceitação de casais homoafetivos. Nesse contexto, vivendo sob o radar do preconceito, receio pela violência e por uma questão de segurança, as personagens adotam essa postura inicialmente, mesmo sendo namoradas. Tara e Darcy, durante o intervalo, ficam na sala para aproveitar esse momento a sós. Aos 22 minutos e 30 segundos do episódio 2, Elle entra na sala em um desses momentos e as percebe de mãos dadas. Darcy tenta se esquivar, mas Tara não vê problemas em assumir a relação para Elle. É um momento significativo, pois ambas começam a se sentir seguras em falar abertamente sobre o relacionamento que vinha sendo mantido em segredo.

Durante o episódio 3 *Kíss* (S01E03) podemos identificar um desenvolvimento maior na relação do casal. Na festa de aniversário de Henry (Cormac Hyde-Corrin), Nick é pressionado a ficar com Tara, mas nenhum dos dois querem isso, Tara revela para Nick que é lésbica e que ela está ali na festa com a sua namorada, ao se referir a si mesma como lésbica em mais de uma oportunidade, torna-se importante não somente pelo fato de reafirmar a identidade da personagem, mas também para demonstrar ao público que a sua identidade importa. Tara se mostra cada vez mais confortável em falar abertamente sobre sua sexualidade, ela e Darcy não querem continuar mantendo a relação em segredo. Um pouco mais tarde no mesmo episódio (S01E03/00:16:30) com a câmera enquadrada em primeiro plano Darcy e Tara se beijam publicamente (figura 1). Em momentos posteriores durante a temporada, é possível notar as personagens confortáveis consigo mesmas em demonstrar afetividade abertamente.

Figura 1 - Darcy e Tara se beijam.



Fonte: Netflix (*Heartstopper*, 2022)¹⁴

A forma como o relacionamento de Tara e Darcy é tratado em *Heartstopper* torna-se significativo ao olharmos para o histórico de casais lésbicos ou sáfic¹⁵ em narrativas seriadas. Nesse histórico, podemos geralmente observar um tratamento

¹⁴ Darcy (à esquerda) beija Tara (à direita).

¹⁵ Termo utilizado para definir a relação entre duas mulheres em que uma ou ambas não são lésbicas.

violento ligado à incidência de desfechos trágicos, especialmente direcionado a personagens que estão fora do padrão heteronormativo, recurso narrativo este que *Heartstopper* se esquivava ao possibilitar que não só Tara e Darcy fiquem juntas, como também outros casais homoafetivos na série. A esse respeito Bridges (2018) destaca:

'Isso significa que os criadores da série nunca podem matar uma personagem feminina lésbica ou bissexual de novo?' Não, mas dada a história de bury yours gays e lésbicas mortas que permearam o cenário da mídia por quase um século, escritores e produtores executivos deveriam pensar com muito cuidado sobre a mensagem que qualquer morte desse tipo pode enviar e se perguntar se há uma maneira mais criativa de chocar o público com um evento drástico e obter o mesmo efeito. (Bridges, 2018. p. 122, tradução nossa)¹⁶

Com esse tropo narrativo sendo utilizado constantemente, resultou em matérias que examinam essa problemática. Em um artigo¹⁷ da revista *Autostraddle*¹⁸, Riese (2016) mapeou uma lista de 212 personagens (bissexuais ou lésbicas) que foram mortas nos últimos 50 anos. Essa recorrência também foi analisada pela *Vulture*¹⁹ com dados da GLAAD, que demonstra que mais de 25 personagens femininas *queer* foram mortas na televisão e *streaming*, apenas em 2016²⁰. Esse padrão narrativo acontece normalmente quando um personagem *queer* entra em algum tipo de relacionamento homoafetivo e imediatamente após a consumação ou algum tipo de demonstração de afeto, como o primeiro "eu te amo", ou seu primeiro aniversário, um dos parceiros felizes é morto (Zelvin, 2021)²¹.

Entre as personagens abertamente lésbicas ou bissexuais com destino trágico, podemos destacar a personagem Lexa (Alycia Debnam-Carey) em *The 100* (2014), Nora e Mary Louise em *The Vampire Diaries* (2009), Denise (Merritt Wever) em *The Walking Dead* (2010), Poussey (Samira Wiley) em *Orange Is the New Black* (2013) e Cara Thomas (Florence Pugh) em *Marcella* (2016). Para Bridges (2018), a maioria dessas mortes foram usadas com o propósito de desenvolver um personagem central, com a presença mínima de figuras lésbicas ou bissexuais em tela, os criadores têm a responsabilidade ética de considerar profundamente o impacto de seu trabalho no público. Concordo com Bridges que escritores, roteiristas e produtores tenham uma postura diferente ao escreverem personagens LGBTQIA+.

Produções seriadas que tornam a presença de personagens *queer* descartáveis dentro dessas narrativas, podem gerar impactos negativos nos

¹⁶ No original: 'Does this mean the show's creators can never kill off a lesbian or bisexual female character again?' No, but given the story of dead gay and lesbian bury yours that has permeated the media landscape for nearly a century, writers and executive producers should think very carefully about the message any such death might send and ask themselves if there is a way more creative way of shocking the audience with a drastic event and achieving the same effect.

¹⁷ All 230 Dead Lesbian and Bisexual Characters On TV, And How They Died. Disponível em: <<https://www.autostraddle.com/all-65-dead-lesbian-and-bisexual-characters-on-tv-and-how-they-died-312315/>> Acesso em: 19 Ago. 2023.

¹⁸ Revista online voltada para o público LGBTQIA+.

¹⁹ Site de entretenimento e cultura pop que oferece notícias, avaliações e análises sobre filmes, televisão, música e livros.

²⁰ 2016 GLAAD Report: LGBTQ Characters Hit Record Highs, But TV Is Still Burying Its Gays. Disponível em: <<https://www.vulture.com/2016/11/lgbtq-representation-on-tv-2016.html>> Acesso em: 19 Ago. 2023.

²¹ ZELVIN, Victoria. The Death of Lexa from the 100, Fridging or Bury Your Gays? Disponível em: <<https://lunastationquarterly.com/the-death-of-lexa-from-the-100-fridging-or-bury-your-gays/>> Acesso em: 26 Set. 2023.

telespectadores que anseiam por representatividade. Essa abordagem trágica do audiovisual influencia diretamente na percepção sobre si, fazendo sentir-se sem importância ou passar pelo processo de luto por determinadas mortes (Mcdermott, 2020). Por isso, narrativas que apresentam desfechos minimamente felizes e saudáveis, tornam-se importantes, como podemos identificar em *Heartstopper*, pois enfatiza a felicidade em vez da abordagem narrativa constante que destaca punição e morte (Lehane, 2017).

Durante a segunda temporada de *Heartstopper*, vemos a relação de Tara e Darcy ser ameaçada, mas sem se utilizar-se da tragicidade. No episódio 3 *promise* (S02E03) Tara diz a Darcy que a ama e Darcy não responde da mesma maneira. Isso leva Tara a questionar se Darcy realmente a ama. A falta de resposta de Darcy não é por falta de amor, mas sim por um complexo conflito interno e familiar, como foi revelado em *perfect* (S02E08). Enquanto a mãe de Tara aceita a sexualidade da filha e está aberta a receber Darcy em sua casa, a mãe de Darcy desconhece a verdade sobre sua filha. Darcy teme a rejeição materna e a homofobia, o que a leva a manter Tara longe pela insegurança de como sua mãe reagiria ao saber do namoro. E essa realidade dual de Darcy, por sua vez, cria uma barreira entre ela e Tara, que desconhece a situação de Darcy e isso gera conflitos durante a temporada.

Essa situação muda no final da segunda temporada (S02E08) quando Tara conhece a mãe de Darcy e descobre o motivo de sua namorada não ter se assumido para a mãe. Mesmo após descobrir a vida dupla de Darcy, Tara reafirma seu amor pela parceira. Ela convence Darcy de que a ama, independentemente de seu relacionamento problemático com a mãe e sua decisão de não se assumir lésbica para a mesma. E é esse apoio mútuo que fortalece ainda mais o vínculo delas. Assim, *Heartstopper* nos mostra que é possível representar casais homoafetivos por outros caminhos sem que precise separá-los, seja por morte, infidelidade ou impossibilidade de aceitação.

4.2 Charlie Spring: A homossexualidade além do humor

Com o personagem Charlie Spring, percebemos que seu enredo foge dos padrões narrativos relacionados aos homossexuais. Dentro do universo das séries televisivas, os personagens gays só começaram a aparecer com destaque no final da década de 1990. Nesse contexto, embora contassem com a participação de personagens homossexuais dirigidas ao público gay, essas produções buscavam também a audiência do público geral, ou seja, hétero. Segundo Moura (2023) as narrativas dessa época para atrair a audiência, precisavam dialogar com o maior número de pessoas e isso refletia diretamente na forma de abordar a sexualidade dos personagens dentro dessas histórias (Becker, 2006). Com isso, foram associados a estereótipos por serem representados constantemente de forma caricata, o “gay melhor amigo” ou quando a sexualidade era apresentada de forma superficial, desenvolvida de forma heteronormativa na história. Por exemplo, o personagem Will Truman, interpretado por Eric McCormack, protagonista gay de *Will & Grace* (1998-2006) foi escrito de forma masculinizada, normativa e despolitizada, e assume o lugar de melhor amigo de Grace (Debra Messing), além de Jack (Sean Hayes), o gay afeminado.

Assim como em *Will & Grace*, outro personagem gay que segue essa mesma abordagem é Jack Mcphee, interpretado por Kerr Smith, na série *Dawson's Creek*

(1998-2003)²². A série abordou o processo de autodescoberta de Jack, nessa busca por aceitação estava incluso sentir-se o mais “hétero possível” para ser aceito. A abordagem heteronormativa cerca Jack ao longo de toda sua trajetória na série, inclusive passa ter uma relação homoafetiva com Tobey (David Monahan) e o principal arco do casal era a preocupação de Jack pela feminilidade do seu parceiro. O personagem é rodeado de amigos heterossexuais e incorpora traços de masculinidade na tentativa de esconder, invisibilizar afetações e afeminações. Nesse sentido, o texto da série sugere em diversos momentos que sanções sociais serão menores, isto porque, culturalmente, a masculinidade não deve ser associada a traços de feminilidade (Bourdieu, 2002). Assim, quando retratada dessa forma, reflete na ideia de que existe uma forma adequada de ser gay, submetendo-se a uma hegemonia heteronormativa que possui aversão às formas plurais de expressar a homossexualidade.

Diferente desses dois exemplos citados, há outro tropo narrativo ligado aos homossexuais, referente ao papel de "melhor amigo gay". Comumente utilizados nesses enredos, os personagens assumem papéis secundários ou de apoio a protagonistas heterossexuais, são figuras que aparecem de forma contextual em vez de central para a narrativa, sendo colocados como conselheiros dos personagens, possuindo uma personalidade confiante e bem humorada (Jenner, 2011). Um exemplo desse uso está presente na série *Sex and The city* (1998-2004)²³, através do personagem Stanford Blatch, interpretado por Willie Garson. A presença do personagem ao longo das seis temporadas da série se resume a momentos clichês na trama em que sua personalidade é saber sobre moda, servir como alívio cômico, se rebaixar pelo afeto de outros homens e auxiliar sua amiga Carrie eventualmente quando surge algum problema pessoal. Além de Stanford, vemos também acontecer na série *Sex Education* (2019-2023)²⁴, vemos Eric assumindo o lugar de melhor amigo gay afeminado, em muitos momentos da trama Eric serve apenas de apoio ao protagonista, Otis (Asa Butterfield).

Ao serem representados dessa forma, os personagens homossexuais carregam um esvaziamento dentro das narrativas e passam a reforçar discursos heteronormativos para o público geral, e muitas dessas abordagens tornaram-se regras. Nesse sentido, funcionava como uma forma de tranquilizar anunciantes do ponto de vista econômico, oferecendo personagens identificáveis tanto ao público gay quanto ao hétero (Parsemain, 2019). O que, conseqüentemente, resumia a presença em personagens gays convencionais, atraentes ou que todos queriam por perto pela sua utilidade. Dessa forma, essas atuações apagavam a diversidade exagerando na normalidade. Subjetividades e realidades não eram reconhecidas pela mídia, e a aceitação foi promovida pela eliminação da diferença (Parsemain, 2019).

A partir dessas representações, podemos começar a análise sobre o personagem Charlie Spring, protagonista da série *Heartstopper*, em que percebemos que seu enredo foge dos padrões narrativos exemplificados acima. Nesse contexto, Charlie é um garoto tímido e de poucos amigos, mas suas vivências são colocadas no centro e com essa rede de amigos ele consegue superar a regra

²² *Dawson's Creek* (Série de TV 1998-2003, THE WB). Disponível em: [Dawson's Creek \(Série de TV 1998-2003\) - IMDb](#). Acesso em: 24 set. 2023.

²³ *Sex and the City* (Série de TV 1998-2004, HBO). Disponível em: [Sex and the City \(Série de TV 1998-2004\) - IMDb](#). Acesso em: 24 set. 2023.

²⁴ *Sex Education* (Série de TV 2019-2023, NETFLIX). Disponível em: [Sex Education \(Série de TV 2019-2023\) - IMDb](#). Acesso em: 24 set. 2023.

narrativa do “melhor amigo gay” perpetuada no audiovisual. Embora Charlie possa ter um grupo de amigos que ele possa confiar, ele ainda precisa lidar com seus conflitos emocionais. Para isso, o personagem conta com seu professor de arte, Sr. Ajayi (Fisayo Akinade), que também é gay, o professor se torna amigo e guia de Charlie para lidar com situações difíceis.

No episódio 1 *meeting* (S01E01), notamos a diferença e importância de profissionais da educação que saibam conduzir essas situações no contexto escolar, servindo de amparo às vítimas de *bullying*, tanto na identificação como na intervenção. Ainda nesse mesmo episódio (S01E01/00:09:30) é revelado que Charlie passa o horário do almoço com o Sr. Ajayi, por causa das constantes violências que sofre; ao entrar na sala o professor pergunta se está tudo bem e se ele precisa parar os valentões da escola mais uma vez, Charlie responde que está tudo bem sim. Charlie lida com as sequelas do *bullying* que sofre na escola há mais de um ano, por causa da sua sexualidade que foi exposta para toda escola. O *bullying* homofóbico direcionado a homossexuais acontece não só pela expressão da homossexualidade, mas também pelo choque heteronormativo enraizado que pressupõe padronizações nos modos de agir (Barbero, 2017). No caso de *Heartstopper* essa realidade é vista no âmbito escolar, é possível perceber em diversos momentos na série os personagens que fogem dos padrões heteronormativos sendo violados verbalmente por outros alunos na tentativa de intimidá-los. Esse arco é presente também na segunda temporada, que dá enfoque no anseio de Charlie e Nick em assumirem abertamente seu relacionamento.

Na segunda temporada, vemos Charlie apresentando algumas reações devido ao *bullying* sofrido, relacionado à sua saúde mental. Para Fante (2005), a vítima dessas constantes violências apresentam grandes traumas, seja fisicamente ou emocionalmente, sintomas como fobias, distúrbios, depressão e tentativas de suicídio são característicos desse quadro. Essa afirmação, vai ao encontro dos sintomas que Charlie apresenta na segunda temporada. No episódio 8 (S02E08/00:31:28), Charlie em uma conversa com Nick, em uma cena na qual a câmera fica concentrada no rosto dos personagens, vemos Charlie confessar que devido ao *bullying*, ele chegou a se automutilar (figura 2). Durante a temporada, Charlie também demonstrou sinais de distúrbio alimentar, foram esses sinais que fizeram Nick se preocupar com a saúde de Charlie, ao saber que seu namorado passou por todos esses problemas, ele diz que não precisa se preocupar, pois agora ele está ali com ele e o abraça, conforme a (figura 3).

Figura 2 – Charlie conversa sobre seus traumas.



fonte: Netflix (Heartstopper, 2023)²⁵

Figura 3 – Nick demonstra apoio a Charlie.



Fonte: Netflix (Heartstopper, 2023)²⁶

Podemos destacar o episódio 7 *Bully* (S01E07) em que a abordagem sobre a homofobia é aprofundada. Nick decide chamar Charlie para ir ao cinema, com isso Nick tenta fazer com que seja o encontro perfeito, no entanto, durante o encontro esse momento adorável de felicidade entre os dois termina quando os ex-amigos de Nick chegam e começam a fazer comentários homofóbicos contra Charlie. Na saída do cinema, Charlie se cansa daquela situação, mas diz que está tudo bem e vai embora. No desenvolvimento da trama, podemos perceber que essas agressões são naturalizadas por Charlie, ele acaba se acostumando com os insultos diários que sofre. Nick se sente mal e confronta seus amigos. A partir disso, o enredo consegue estabelecer uma abordagem política, diferente do que vimos em *Dawson's Creek*, por exemplo. Charlie não busca aprovação mudando seu jeito para ser aceito pela maioria, enquanto Nick é um garoto popular e mesmo ainda não sendo abertamente assumido sobre sua sexualidade durante a primeira temporada, ele não nega esse sentimento ou tenta esconder sua proximidade com Charlie.

Oficialmente namorando durante a segunda temporada, há momentos desconfortáveis e desafiadores que fazem com que Nick e Charlie precisem esconder um pouco mais quem eles são, no entanto o roteiro subverte isso. Já no episódio 1 da segunda temporada *out* (S02E01) Nick afirma que quer assumir para todos o seu relacionamento, já Charlie se coloca na posição de protetor, o apoio mútuo entre os personagens como um casal se torna importante aqui, o lado compreensivo de Charlie em tentar deixar Nick confortável para assumir no seu tempo e garantir que seu parceiro não passe pelo que ele passou ao ter sua sexualidade exposta contra sua vontade para toda escola. Após algumas inseguranças serem superadas, podemos ver Nick e Charlie assumindo o relacionamento para seus amigos da escola durante uma viagem a Paris no episódio 6 *truth-dare* (S02E06/00:22:19).

4.3 Nick Nelson: Bissexualidade e reconhecimento

²⁵ Charlie emocionado ao contar para Nick o que passou no ano anterior ao ter sua sexualidade exposta para toda escola.

²⁶ Após a confissão de Charlie, Nick o abraça para acalmá-lo.

Jogador de *Rugby*²⁷, popular e cheio de amigos. Nick, inicialmente, é apresentado como um personagem hétero, e sua trama gira em torno do seu autodescobrimento como bissexual. Essa abordagem vai ao encontro do que aponta Bonoto (2021) sobre identidade sexual não ser algo consolidado, havendo uma gama de identidades as quais podemos nos referenciar além do hétero. No entanto, veremos que a identificação como bi em séries televisivas foi muitas vezes marcada principalmente pela invisibilidade, promiscuidade ou como essa identidade é tratada como uma fase para a homossexualidade. A mídia prioriza essas características e assim reproduzem estereótipos a respeito destes indivíduos, algo que *Heartstopper* consegue driblar e mostrar uma outra linha de abordagem.

Uma forma de representação recorrente na televisão é a ausência da nomenclatura “bissexual” dos personagens para afirmar as identidades bissexuais (Corey, 2017). É possível identificar essa sub-representação em dramas adolescentes no começo dos anos 2000, ou seja, os personagens se relacionam com diferentes gêneros ao longo da narrativa, mas suas identidades sexuais não são declaradas, a bissexualidade passa a ser um elemento contextual utilizada eventualmente dentro da narrativa. Exemplos dessa ausência são encontrados na série *Skins* (2007-2013), *The o.C* (2003-2007) e *Gossip Girl* (2007-2012). Na década seguinte, pessoas da letra "B" da sigla LGBTQIA+ foram contempladas com um aumento de personagens bissexuais, mas carregados de problemáticas. Dados do GLAAD²⁸ revelam que as representações bissexuais aumentaram tanto na transmissão aberta quanto na TV a cabo, com um aumento notável de 10 para 18 no número de personagens bissexuais aparecendo em programas a cabo. No entanto, a reprodução de estereótipos da década anterior relacionados a pessoas bissexuais, ainda acompanhavam essas narrativas (GLAAD, 2015).

Em *Faking It*, lançada em 2014, a série é um exemplo de como ideias equivocadas a respeito de pessoas bissexuais são reforçadas pela mídia. Durante o episódio dezessete da segunda temporada *Prom Scare* (S02E17), a série introduziu o personagem Wade (Cameron Moulène), e logo se torna interesse amoroso de outros dois personagens, Shane (Michael Willett), um garoto gay, e Karma (Katie Stevens), uma garota hétero. Em uma das cenas ao saberem que Wade é bissexual, os personagens começam disputar a atenção de Wade, no entanto em uma discussão sobre a sexualidade de Wade mesmo ele afirmando ser bissexual, Shane reforça que o rótulo "bi" seria apenas um passo para que Wade se assuma gay.

Assim, o texto da série reforça um discurso bifóbico, as falas dos personagens não são problematizadas no intuito de contrapor estereótipos e sim os reafirma, movido pela ideia de que a bissexualidade é apenas uma fase ou caso de homofobia internalizada, que levaria a pessoa a uma recusa até que possa identificar-se como gay (Hilton-Morroee; Battles, 2015). Durante a participação na série, o personagem Wade também se mostrou confuso em relação com quem ele deveria ficar, propondo até fazer um trisal com Shane e Karma. Nesse sentido, a bissexualidade, enquanto pluri-sexual, quando retratada dessa forma reproduz o estereótipo de ilegitimidade e indecisão (Roberts; Horne; Hoyt, 2015).

Outro estereótipo relacionado a pessoas bissexuais é a promiscuidade e infidelidade, ou seja, a ideia de que não são considerados parceiros indicados para constituir um relacionamento estável (Breno; Galupo, 2008). Podemos perceber

²⁷ Ou rúgbi, é um tipo de esporte nascido na Inglaterra, onde a série é ambientada.

²⁸ Disponível em: GLAAD – Where We Are on TV report, 2015. <<https://glaad.org/publications/whereweareontv15/>> Acesso em: 20 Ago. 2023.

esse estigma sendo reproduzido na série *Glee* (2009-2015), apesar da obra ser significativa para a comunidade LGBTQIA+, não está isenta de problemáticas, referente a bissexualidade através da personagem Brittany (Heather Morris). Na trama, desde a primeira temporada da série, Brittany mantém relações tanto com homens quanto mulheres, chegando até a dizer que ficou todos os garotos da escola, mas a narrativa a trata como uma pessoa indecisa em um tom cômico sobre com quem ela deve ficar, mesmo que seu principal interesse romântico seja Santana (Naya Rivera), até a concretização dessa relação na última temporada, as personagens passam por muitas separações. Durante o episódio 2 da quinta temporada *Tina In The Sky With Diamonds* (S05E02), entre um desses termos, Dani (Demi Lovato) é introduzida na história como o novo interesse amoroso de Santana, em um dos diálogos enquanto elas flertam, Dani diz a Santana que ela merece uma mulher 100% lésbica. Até aquele momento Santana conta que só se relacionou com meninas bissexuais, se relacionar com Dani por ela ser lésbica significaria um relacionamento estável, diferente do que foi com Brittany, já que ela não precisaria se preocupar com sua atual namorada ficando com homens.

Podemos identificar um tratamento diferente na narrativa de *Heartstopper* relacionado à bissexualidade, através do personagem Nick Nelson. O desenvolvimento da sexualidade de Nick começa quando ele conhece Charlie, no episódio *meeting* (S01E01) ocasionalmente os personagens passam a se sentarem juntos na hora da aula, e com isso criam um vínculo que ultrapassa os muros da escola. Até então, Nick se enxerga como um garoto hétero e no decorrer da narrativa, essa percepção vai mudando conforme ele conhece Charlie, que por um lado tem o receio de tê-lo como interesse romântico, Nick tenta entender o que sente por Charlie, ao mesmo tempo que tenta se entender.

No episódio três *Kiss* (S01E03) a relação de Nick e Charlie se torna ainda mais íntima quando Charlie é convidado por Nick para ir na festa de aniversário de um dos seus amigos. Chegando lá, os amigos de Nick o fazem tentar beijar Tara, que é lésbica e namora Darcy, até então em segredo. Charlie presencia toda situação e o faz querer ficar sozinho naquele momento. Nick ao perceber, vai atrás de Charlie e pede para ir a um lugar reservado para conversarem, segurando a mão de Charlie eles vão para uma sala vazia da casa. Enquanto conversam, Charlie não deixa de tentar entender se o que ele sente por Nick é recíproco; Charlie pergunta sobre Tara, e Nick diz que não sente atração romântica por ela, mas que está sim gostando de alguém, Charlie fica receoso e pergunta qual é o nome dela, supondo que seja uma mulher e Nick responde que necessariamente não seria uma garota. Aqui a narrativa o confirma como bissexual. Aos 21 minutos e 36 segundos, Nick é questionado se sairia e beijaria alguém que não fosse uma garota, ele responde que não sabe, mas confirma que faria isso se fosse com Charlie, e ali beijam-se pela primeira vez.

Após o primeiro beijo, os personagens passam por alguns conflitos, mas Nick tem certeza de que quer estar com Charlie. Chegamos então ao episódio 8 *Boyfriend* (S01E08) que finaliza a primeira temporada, nele podemos ver momentos significativos para Nick enquanto bissexual, sua autoaceitação e a concretização do relacionamento com Charlie. É um dia de esportes na *Higg Boys School*, após Nick ser alertado por um dos amigos de Charlie que eles precisavam conversar e esclarecer esses sentimentos, isso o faz ficar pensativo. Durante o jogo com todos os alunos na arquibancada, Nick não para de encarar Charlie, inquietamente Nick abandona o jogo no meio de partida e vai até Charlie, pega na sua mão e foge dali. Após isso, Nick se declara afirmando o quanto Charlie é importante para ele e que

ele pode brigar com qualquer um dos seus "amigos" pois o que importa é estar com ele, Charlie confirma que também quer estar com Nick. Os personagens se resolvem, e aproveitam para passar o dia juntos.

É em *Boyfriend* (S01E08) em que eles se utilizam do termo namorados para definir oficialmente a relação. Mais tarde, ao voltar para casa Nick decide contar para sua mãe sobre sua sexualidade. Em um plano médio ele começa falando sobre o Charlie e que ele não é apenas seu melhor amigo, mas seu namorado (Figura 4). Aos 27 minutos e 50 segundos, Nick afirma ser bissexual e ter interesse tanto por garotas como por garotos. Na (Figura 5) temos um close em que Nick recebe o apoio da sua mãe. É possível ver essa autoafirmação sobre sua sexualidade em episódios sucessores na segunda temporada, em que presumiam que Nick fosse gay por estar em uma relação com Charlie. Ao afirmar-se bissexual, para Weeks (2000) surge como uma forma de resistência a tradicionalidade sexual, como forma de ir de encontro a lógica binarista entre heterossexual e homossexual. Assumir sua sexualidade, valoriza e valida a bissexualidade, colocá-la em evidência torna-se um ato político.

Figura 4 – Nick se assume bissexual.



fonte: Netflix (*Heartstopper*, 2022)²⁹

Figura 5 – Nick é acolhido por sua mãe.



fonte: Netflix (*Heartstopper*, 2022)³⁰

²⁹ Nick se sente confortável em falar com sua mãe (Sarah Nelson, interpretada por Olivia Colman) sobre sua sexualidade.

³⁰ Sarah acolhe Nick e afirma que isso não é um problema, e que ele não precisa esconder quem ele realmente é.

4.4 Elle Argent: O transcender do lugar exótico

A narrativa de *Heartstopper* também inclui corpos dissidentes da cis heteronormatividade. Conforme define Butler (1998) corpos estes que não se submetem diretamente às regras de gênero impostas, não aderindo plenamente às regulamentações sociais. Nesse sentido, somos apresentados a personagem Elle, interpretada por Yasmin Finney, uma garota trans que recentemente se transferiu para uma nova escola. A primeira vez que ouvimos falar sobre Elle é através de Charlie, Tao e Isaac. Sua identidade trans é discutida imediatamente, através da justificativa sobre sua transferência da *Higg Boys School* para a *Higg Girls School* e destacar o quanto os amigos sentem falta dela.

Inicialmente, vemos Elle bastante solitária em sua primeira aparição no episódio 1 meeting (S01E01), o que remete a antigas representações. Nas raras aparições episódicas em que personagens transexuais chegavam nessas narrativas, eram frequentemente baseadas em estereótipos negativos utilizados como forma de ridicularizar pessoas trans por meio do humor, estranhamento e transição (Lester, 2015). A televisão por muito tempo apoiou o status quo cisgênero, seguindo uma linha padronizada empregando um "discurso do corpo errado" e com isso favoreceu a noção tradicional de "transgênero em transição" e embora seja palatável para o público convencional, essas representações padronizadas limitam as subjetividades transexuais (Capuzza; Spencer, 2016). No começo dos anos 2000, enquanto *Will and Grace*, *Queer as folk* e *Dawson's Creek* reforçavam em grande parte a heteronormatividade cisgênero ao retratar personagens homossexuais palatáveis ao público geral, personagens trans eram feitos por meio de uma narrativa que tornava esses indivíduos como exóticos. *The L Word* (2004-2009) por exemplo, um drama centrado em lésbicas hiperfemininas, incluiu Moira (Daniela Sea) que fez transição para Max Sweeney, apresentado como um personagem exótico, deslocado e violento (Funk, 2016).

A narrativa de *Heartstopper* subverte o lugar do exótico e do "corpo errado" relacionados a personagens trans, ao apresentar Elle confortável consigo mesma após se assumir trans. A identidade transexual de Elle é reconhecida, mas ao contrário de outras narrativas, sua história não gira em torno do seu gênero ou da sua transição. No começo, vemos Elle bastante solitária, mas no episódio seguinte (S01E02/00:23:18) logo faz amizade com 'as lésbicas da escola' nova, como denomina Tara no frame da (Figura 6). Essa conexão se aplica a todos os personagens de *Heartstopper*, Elle demonstra bondade e cuidado com seus amigos.

Figura 6 — Elle se torna amiga de Tara e Darcy.



Fonte: Netflix (*Heartstopper*, 2022)³¹

³¹ Elle, Darcy e Tara se tornam amigas, após Elle passar alguns dias na escola sozinha.

Outros personagens trans aparecem na série, especificamente no episódio 2 *Family* (S02E02) da segunda temporada. Na trama do episódio, Elle faz uma visita em uma escola de artes que está interessada e precisa criar uma obra autoral para ser contemplada com uma vaga, chegando lá, Elle conhece Naomi (Bel Priestley) que em uma conversa, aos 15 minutos e 10 segundos, Naomi externaliza que não quer ser vista apenas a garota trans, Elle concorda. O diálogo das personagens demonstra o sentimento de necessidade e a normalização destes corpos nos diversos contextos sociais sem que sejam resumidas apenas a respectiva sexualidade. No episódio 7 *Sorry* (S02E07), Elle finalmente consegue a vaga que tanto sonhava, durante a exposição da arte que a fez conseguir entrar na escola, Elle discursa sobre seu significado, em suas palavras aos 14 min e 10 segundos ela diz que últimos anos foram de muitas mudanças, mas com aquela obra exposta quis captar um lugar que guarda muitas lembranças felizes, mesmo em tempos difíceis, um lugar em que sempre se sentiu segura, com seus amigos.

Além disso, o arco amoroso de Elle é aprofundado na segunda temporada. Na temporada anterior, houve indícios que Elle e Tao (William Gao) ficariam juntos e vemos essa relação se concretizar, mas antes disso algumas inseguranças precisaram ser superadas. Tao e Elle se gostam, no entanto entram em um conflito de que esse interesse romântico pudesse afetar a amizade caso não desse certo. Não desistindo facilmente, Tao no episódio 3 *Promise* (S02E03) convida Elle para um encontro, que aceita sem pensar duas vezes, mas não acaba saindo como havia sido planejado, ambos não sabem como agir por causa da amizade de anos. Enquanto Elle sente bloqueios emocionais de se envolver romanticamente, Tao sente que Elle está cada vez mais distante.

Esse acontecimento desde o último encontro não foi o suficiente para fazer com que os personagens deixassem de tentar viver esse amor um pelo outro. Dessa forma, o cenário muda sobre a relação dos personagens se concretizando no episódio 4 *Challenge* (S02E04/00:21:20) em que ocorre o primeiro beijo do casal, durante a viagem de Paris, que foi pano de fundo para alguns episódios da segunda temporada. Os personagens decidem mergulhar em seus sentimentos, até que chegamos ao episódio 8 *Perfect* (S02E08/ 00:02:25) quando Tao pede oficialmente Elle em namoro e ela aceita. Retratar personagens trans em um relacionamento amoroso é inovador, em um contexto midiático em que personagens trans raramente são mostrados com algum parceiro, pois na maior parte da narrativa estão lidando com conflitos internos” (Capuzza; Spencer, 2017).

Yasmin Finney, que é trans e interpreta Elle Argent na série, destacou em uma entrevista³² para a Elle Magazine³³ (2023) sua satisfação com a forma em que a sua trama é trabalhada :

Estou tão feliz que as crianças podem ver como isso é impactante e como é importante assumir quem você é. É muito difícil, porque mesmo no dia-a-dia, Elle provavelmente tem que lidar com muitas coisas pelas quais uma pessoa trans comum passa, como disforia de gênero, todas essas coisas. O que é tão adorável é que [o show não] realmente capitaliza nada disso. É tudo apenas essa amizade incrível e esse amor incrível que você

³² Disponível em: For Yasmin Finney, Confidence Is Key <<https://www.elle.com/culture/movies-tv/a44684831/yasmin-finney-hearstopper-season-2-doctor-who-interview/>> Acesso em: 17 de Agosto de 2023.

³³ A revista Elle Magazine é conhecida por publicações referentes a tendências de moda, conselhos de beleza, celebridades e cultura pop.

vê florescer em algo especial desde a primeira temporada. É mostrar às pessoas que você pode ter um amor natural e feliz como uma pessoa trans e isso deve ser normalizado.³⁴ (Finney, 2023, tradução nossa)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse trabalho falando que a identidade na sociedade pós-moderna não é fixa, mas que é construída de acordo com sistemas culturais que nos rodeiam. Tomando como ponto de partida essa noção de identidade, conseguimos relacionar essa ideia a comunidade LGBTQIA+, em uma sociedade globalizada, essas diversas formas de identificação funcionam como uma forma de localização em um sistema social, convocando os indivíduos a assumirem um lugar como sujeitos. Nesse contexto, fomos relacionando esse sistema de compartilhamento de aspectos culturais que formulam essas noções de identificação com pessoas ou grupos, nesse contexto LGBTQs, seja nas mais diversas formas, destacando especialmente a mídia como um fio condutor bastante poderoso que media a realidade, mas que também, define o "normal".

A partir disso, notamos como isso reflete diretamente em como pessoas LGBTQIA+ são representadas no audiovisual, e qual a qualidade dessa representação. Foram apresentados os perigos de uma representação limitada, vazia, mal desenvolvida ou repleta de estereótipos, se apropriando de visões universais para compor essas representações e deixando de lado as realidades plurais da comunidade LGBTQIA+. Vimos que com o fortalecimento do movimento LGBTQIA+ e a busca por visibilidade, houve um progresso nas formas de representatividade e a narrativa seriada analisada neste trabalho é resultado dessa luta.

Com o objetivo de verificar como a série *Heartstopper* rompe com padrões narrativos relacionados a personagens LGBTQIA+ em séries audiovisuais, nosso estudo trabalhou com cinco personagens da mesma obra; Tara e Darcy, Charlie Spring, Nick Nelson e Elle Argent, divididos em quatro tópicos. A análise se fez a partir da exploração de arcos narrativos dos personagens LGBTQIA+ nos quais eles estão presentes na série, e como a abordagem da série sobre essas figuras rompe com padrões problemáticos que invisibilizam ou reforçam estereótipos acerca da comunidade LGBTQIA+ no audiovisual. Para identificarmos essa mudança, foi necessário resgatar situações nas quais personagens LGBTQIA+ foram submetidos em outras produções seriadas.

Vemos a mudança em como *Heartstopper* aborda questões LGBTQIA+ através do casal lésbico Tara e Darcy, sem a utilização de recursos trágicos e possibilitando que ambas fiquem juntas na trama. Na primeira temporada elas assumem o relacionamento publicamente e em diversos momentos demonstravam orgulho e afirmavam seu amor uma pela outra. Já na segunda temporada, vemos o relacionamento passando por algumas turbulências, mas sem que precise se utilizar

³⁴ No original: I'm so happy that the kids can see how impactful this is and how important it is to own up to who you are. It's really hard, because even on a day-to-day basis, Elle probably has to deal with a lot of things that the average trans person goes through, like gender dysphoria, all those things. What's so lovely is that [the show doesn't] really capitalize on any of that. It's all just this incredible friendship and this incredible love that you see blossom into something special from season one. It's about showing people that you can have natural, happy love as a trans person and that should be normalized.

da tragicidade para desenvolver o relacionamento, algo comumente usado nas tramas audiovisuais relacionado a casais homoafetivos.

Com a letra G da sigla, identificamos que *Heartstopper* por meio do personagem Charlie Spring também consegue afirmar uma abordagem diferenciada ao olharmos para o histórico de personagens homossexuais. Na primeira temporada, vemos Charlie sofrendo com o *bullying* diário após ter sua sexualidade exposta para toda escola contra sua vontade e seu arco narrativo da temporada envolve a possibilidade de se relacionar com o Nick Nelson. Já na segunda temporada, acompanhamos a evolução dessa relação, Charlie agora tenta superar muitos dos seus traumas devido às violências que sofreu enquanto está namorando Nick. Diante dessas abordagens que a série propõe, focando na sua trajetória, autoaceitação e dores pessoais, em *Heartstopper* o lugar do melhor amigo gay caricato é subvertido e vemos ele sendo a figura central e que recebe apoio da sua rede de amigos.

Relacionado a bissexualidade, desde o primeiro episódio da série, acompanhamos o desenvolvimento da sexualidade do personagem Nick Nelson. A primeira temporada foca na sua descoberta e entendimento como pessoa bissexual por causa dos sentimentos desenvolvidos por Charlie. Nesse sentido, já notamos uma diferença quando olhamos para o histórico de personagens bissexuais que não conseguem transmitir a complexidade necessária, resumindo esse momento de autodescoberta apenas ao envolvimento superficial ou confuso com pessoas com o mesmo gênero, ou usado continuamente como promíscuos na trama, não que seja a matriz do problema, mas ao ser representados apenas dessa forma consequentemente estereótipos estão sendo reforçados. Em *Heartstopper*, percebemos o posicionamento politizado do Nick ao se afirmar como bissexual constantemente na trama, automaticamente vai de encontro a forma como essa sexualidade é ainda tão invisibilizada e dita como uma fase para a homossexualidade, não só em narrativas seriadas como acontece em *Faking It* (2015) e *Glee* (2009), mas fora da ficção também.

Com a personagem Elle Argent, observamos também uma mudança de abordagem que *Heartstopper* propõe. Uma marca recorrente sobre a representação de pessoas trans na mídia é a abordagem da figura exótica, a afirmação do transicionamento, a agonia do "corpo errado", em *Heartstopper* esse texto é sutil, sabemos que Elle é trans por meio de diálogos, mas a série não cataliza os elementos comumente usados para compor personagens trans. Vemos Elle sendo amiga, companheira, com sonhos e vontades, existindo para além do seu gênero na trama.

Há bastante espaço para ser conquistado pela comunidade LGBTQIA+ no audiovisual, esse progresso não acontece de forma homogênea e igualitária para todas as letras da sigla. Ao utilizar *Heartstopper* neste trabalho não buscamos deslegitimar representações ou tirar a importância de produções seriadas que vieram antes dela, pois tiveram impacto em suas determinadas épocas de lançamento, e podem continuar sendo símbolo de referência representativa subjetivamente, por isso como objetivo principal evidenciamos as mudanças de abordagens que ocorreram, muitas vezes problemáticas e que precisam ser debatidas, colocadas em pauta e não reforçadas. Espera-se que esta pesquisa possa ter auxiliado para a discussão sobre a presença LGBTQIA+ em narrativas audiovisuais, os desafios recorrentes, enfrentados nesse processo e que, para além disso, possibilitar novos questionamentos, análises e problematizações daqueles que podem vir a lê-la. Enquanto seguimos buscando melhorias relacionadas a

representatividade e visibilidade, dando importância ao que foi e pode ser conquistado.

REFERÊNCIAS

BARBERO, M. S. Hacerse hombre en el aula: masculinidad, homofobia y acoso escolar. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 50, p. 1-28, 2017.

BECKER, Ron. Prime-time television in the gay nineties: Network television, quality audiences, and gay politics. **Velvet Light Trap**, p. 36-48, 1998.
Disponível em: <<https://www.proquest.com/docview/1306637694>>. Acesso 20 Ago. 2023.

BONOTO, Carolina. “Aqui Tem Gente Como Eu”: Subjetividade LGBT Em Trajetórias Midiáticas. **Tropos: Comunicação, Sociedade E Cultura**, Rio Branco: v. 10, n. 1, p.1- 24, 2021.
Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4605>>.
Acesso em: 20 ago. 2023

BOYFRIEND. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 33 min, son., color. Temporada 1, episódio 8. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** [recurso eletrônico]. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BULLYING. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 26 min, son., color. Temporada 1, episódio 7. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

BRENO, Angela L.; GALUPO, M. Paz. **Bias Toward Bisexual Women and Men in a Marriage-Matching Task. Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 7, n. 3-4, p. 217-235, jul. 2008. Informa UK Limited.
Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299710802171308>>.
Acesso em: 10 Ago. 2023.

BRIDGES, Elizabeth. Agenealogy of queerbaiting: Legal codes, production codes, ‘bury your gays’ and ‘The 100 mess’. **Jornal of fandom studies**, v.6,n. 2, p. 115-132, 2018.

BUTLER, Judith. **Boddies that Matter: On the discursive limits of sex**. New York, Routledge,1998. Undoing Gender. New York, Routledge, 2004.

CAPUZZA, Jamie C.; SPENCER, Leland G. **Regressing, progressing, or transgressing on the small screen? Transgender characters on US scripted television series**. *Communication Quarterly*, v. 65, n. 2, p. 214-230, 2017.

CHALLENGE. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 36 min, son., color. Temporada 2, episódio 4. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

CHARTIER, Roger. **A história cultura: entre práticas e representações**. 2. ed. Algés: Difel, 2002.

COREY, Sarah. All Bi Myself: Analyzing Television's Presentation of Female Bisexuality. **Journal Of Bisexuality**, [s.l.], p.1-16, 13 abr. 2017. Informa UK Limited.. Disponível em: <<https://www.tan-dfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2017.1305940>.> Acesso em 20 Ago. 2023.

CRUSH. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 32 min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

DAWSON'S Creek. Criação de Kevin Williamson. Direção de David Semel e Gregory Prange. Estados Unidos, 1998. 40 min, son., color. Série disponibilizada pela Amazon Prime. Acesso em 03 de Nov. 2023.

FAMILY. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2023. 34 min, son., color. Temporada 2, episódio 2. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FUNK, Steven; FUNK, Jaydi. Transgender dispossession in Transparent: Coming out as a euphemism for honesty. **Sexuality & Culture**, v. 20, p. 879-905, 2016.

GROSS, Larry. Out of the mainstream: Sexual minorities and the mass media. **Journal of Homosexuality**, v. 21, n. 1-2, p. 19-46, 1991. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/21298452_Out_of_the_Mainstream_Sexual_Minorities_and_the_Mass_Media.> Acesso em: 23 set. 2023.

KISS. *in*: HEARTSTOPPER. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 30 min, son., color. Temporada 1, episódio 3. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HEARTSTOPPER. Criação de Alice Oseman. Inglaterra: Netflix, 2022-.son.,color. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em: 03 Ago. 2023.

HEAT. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 35 min, son., color. Temporada 2, episódio 5. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

HILTON-MORROW, Wendy; BATTLES, Kathleen. **Sexual Identities and the Media: An Introduction**. Nova York: Routledge, 2015. 272 p.

JENNER, Mareike. We need to talk about Jack! On the representation of male homosexuality in American teen soaps. In: **Queer youth and media cultures**. London: Palgrave Macmillan UK, 2014. p. 131-144.

LEHANE, Stacey. Sense8 e a importância de personagens queer felizes. **Medium**, São Francisco, 23 de jun. de 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@goddammitstacey/sense8-and-the-importance-of-happy-queer-characters-dfb665426b79>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LESTER, Paul Martin. From abomination to indifference: A visual analysis of transgender stereotypes in the media. **Transgender communication: Histories, trends, and trajectories**, p. 143-154, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2009.

MEET. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2022. 27 min, son., color. Temporada 1, episódio 1. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

MCCARTHY, Anna. Crab People from the Center of the Earth. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 11, n. 1, p. 97-101, 2005.

MCDERMOTT, Michael. **The Affective Politics of Queerbaiting: Fandom, Identity and Representation**. Victoria, Austrália, 2020. Tese (Doutorado em Filosofia) – School of Psychology and Public Health, La Trobe University. Disponível em: <https://opal.latrobe.edu.au/articles/thesis/The_Affective_Politics_of_Queerbaiting_Fandom_Identity_and_Representation/13309187>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MATTOS, C. F. Narrativa seriada e comunicação: meios, modos e tempos. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 11, n. 3, p. 268–280, 2018. DOI: 10.17851/1983-3652.11.3.268-280. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16822>>. Acesso em: 23 set. 2023.

MCLEOD, Dion Sheridan. **Unmasking the villain: queerness and villainy in animated Disney films**. 2016.

MOURA, Leonardo. **Como analisar filmes e séries na era do Streaming**. BOD GmbH DE, 2023.

OUT. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2023. 32 min, son., color. Temporada 2, episódio 1. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

PARSEMAIN, Ava Laure. **The pedagogy of queer TV**. Springer International Publishing, 2019.

PERFECT. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2023. 40 min, son., color. Temporada 2, episódio 8. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

PROM SCARE. *in*: Faking it. Criação de Dana Min Goodman, Julia Wolovpor e Carter Covington. Direção de Brian Dannelly. Estados Unidos: MTV, 2015. 22 min, son., color. Temporada 2, episódio 17. Série disponibilizada pela Paramount+. Acesso em 03 de Nov. 2023.

QUINALHA, Renan. O mito fundador de Stonewall. **Revista Cult**, São Paulo, 03 de Jun. de 2019. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-mito-fundador-de-stonewall/>> Acesso em: 23 set. 2023

ROBERTS, Tangel S.; HORNE, Sharon G.; HOYT, William T.. Between a Gay and a Straight Place: Bisexual Individuals' Experiences with Monosexism. **Journal Of Bisexuality**, [s.l.], v. 15, n.4, p.554-569, 2 out. 2015. Informa UK Limited. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2015.1111183>.> Acesso em 20 Ago. 2023.

SHAW, A. **Gaming at the edge: sexuality and gender at the margins of gamer culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014. p. 304.

SEX and the City. Criação de Darren Star. Direção de Jhon D. Payne. Estados Unidos: HBO Original Productions, 1998-2004. 30min, son., color. Série disponibilizada pela HBO Max. Acesso em 03 de Nov. 2023.

SORRY. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2023. 34 min, son., color. Temporada 2, episódio 7. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

THE episode. *in*: Ellen. Criação de Carol Blank, Neal Marlens e David S. Rosenthal. Direção de Gil Junger e Robby Benson. Estados Unidos: ABC, 1998. 23 min, son., color. Temporada 4, episódio 23. Série disponibilizada pela Disney+. Acesso em 03 de Nov. 2023.

TINA IN THE SKY WITH DIAMONDS. *in*: Glee. Criação de Ryan Murphy. Direção de Ian Brennan. Estados Unidos: Fox, 2013. 42 min, son., color. Temporada 5, episódio 2. Série disponibilizada pela Disney+. Acesso em 03 de Nov. 2023.

TRUTH-DARE. *in*: Heartstopper. Criação de Alice Oseman. Direção de Euros Lyn. Reino Unido: See-Saw Films, 2023. 35 min, son., color. Temporada 2, episódio 6. Série disponibilizada pela Netflix. Acesso em 03 de Nov. 2023.

SILVA, João Victor; ROCHA, Renato. **SIXSTRIPES: Uma experiência interativa de**

visualização de dados sobre representatividade LGBTQ. 2019. Universidade de Brasília, [S. l.], 2019.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2 ed, 2000. p. 24-61.